



## **Circuito inferior da economia urbana: precariedade do trabalho e pequenos negócios no bairro Residencial Sírius, Distrito de Campo Grande Campinas - SP**

Jéssica Aparecida dos Santos Rodrigues<sup>1</sup>

Prof. Márcio Cataia<sup>2</sup>

A pesquisa nasceu da inquietação em compreender a vida de relações das populações das periferias de uma grande cidade. A um só tempo, a periferização das grandes cidades dos países pobres e o avanço da precarização do trabalho aprofundam a divisão social do trabalho própria ao circuito inferior da economia urbana. O trabalho precário e mal remunerado não é uma situação nova enfrentada nos espaços urbanos mais carentes em trabalho e serviços, contudo, na atual conjuntura o drama da obtenção do emprego e da renda é aprofundado pela expansão do desemprego.

A análise que realizamos foi dirigida para o sul da cidade de Campinas, com especial atenção em um conjunto habitacional construído pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), o Conjunto Residencial Sírius, no Distrito do Campo Grande. Como em outras partes da cidade, o PMCMV marcou, na década de 2010, a urbanização da periferia da cidade de Campinas. Grandes conjuntos habitacionais foram implantados em espaços ainda carentes em emprego e serviços, levando-nos a buscar compreender a emergência do trabalho precário em áreas periféricas de grandes cidades num contexto de transformação e precarização do trabalho.

Nossa reflexão teórica compreende a cidade como uma totalidade, como um mercado integrado, no qual a divisão do trabalho pode ser apreendida a partir de dois circuitos, os *dois circuitos da economia urbana* (Santos, 1979), um superior e um inferior. O primeiro resulta dos processos mais diretos de modernização tecnológica, envolvendo grandes investimentos em capitais – normalmente financeirizados – e com uma organização burocrática altamente racionalizada segundo parâmetros globais; o segundo, o circuito inferior, que nos interessou mais diretamente, caracteriza-se pela utilização do “trabalho intensivo”, frequentemente local e com potencial criativo considerável, dispendo de crédito pessoal direto e dinheiro líquido, trabalhando com pequenas quantidades de produto, capitais reduzidos e uma organização não burocratizada. A oferta do emprego nesse circuito tem que ver a capacidade de geração de trabalho por meio da pulverização de atividades de pequeno porte, sem carteira de trabalho assinada (em extinção, inclusive no circuito superior), de baixíssimos rendimentos e altamente flutuantes, ou seja, imprevisíveis, podem

---

<sup>1</sup> Graduanda Geografia pelo Instituto de Geociências da UNICAMP.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UNICAMP e Pesquisador do CNPq. Endereço: Rua Carlos Gomes, 250 – Barão Geraldo – Campinas – CEP: 13083-855 – São Paulo. Tel: +55 (19) 3521-4553. email: cataia@unicamp.br

surgir e desaparecer em curto espaço de tempo. Os preços oscilam muito, já que resultam de negociações face-a-face e das urgências a serem supridas cotidianamente. Os estoques de mercadorias são reduzidos, já que os custos de tal manutenção são proibitivos. As taxas de natalidade e mortalidade dos pequenos e nano negócios são muito elevadas, e normalmente em um mesmo ambiente físico, convive mais de uma atividade ou negócio.

Fizemos atenta revisão bibliográfica sobre o tema. Nesse sentido, realizamos reflexão a partir da pobreza urbana e do trabalho precarizado, buscando compreender os traços de sociabilidade e cooperação que se realizam no entorno do Residencial Sírius. Os dados secundários foram coletados em publicações do Centro Público de Apoio ao Trabalhador (CPAT), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), da Prefeitura de Campinas e dos documentos do Plano Diretor de 2006 e Plano Diretor de 2018, em trabalhos anteriores realizados sobre o Residencial Sírius e em trabalhos de campo.

O Residencial Sírius, com aproximadamente 10 mil habitantes, e seu entorno demonstram a carência de serviços básicos, como escolas, creches, postos de saúde, espaços para esporte, lazer e cultura, bem como, em função da baixa renda, a ausência de supermercados e restaurantes, e, inclusive, não existem feiras livres. Como o circuito superior não se interessa pelas partes mais pobres da cidade, os moradores se deslocam para bairros próximos para efetuarem compras em supermercados e farmácias, assim como para compras de vestuário, mas também para acessar centros de saúde, escolas e creche. O que pode ser usufruído no entorno do Residencial é a cara do circuito inferior da economia urbana, são pequenos mercadinhos, lanchonetes, bares, borracharias, salões de beleza, comércio de roupas, normalmente em bancas improvisadas em frente aos condomínios. Comumente, os pequenos comércios são feitos na própria residência, o que contribui sobremaneira para que certa imobilidade da população, já que trabalho com baixa renda e residência se confundem.

Ao mesmo tempo em que certa imobilidade é observada em função da criação de emprego e renda locais nos pequenos negócios, os deslocamentos cotidianos em transporte público evidenciam a rarefação dos serviços urbanos na periferia, com a população duplamente penalizada, pois o tempo de espera pelo transporte, em linha única, é grande e o preço da passagem é alto. A própria localização do Conjunto Residencial impõe restrições de circulação, pois está localizado no extremo sul do município, lugar com acesso único de entrada e saída e sem comunicação com outros bairros do município vizinho. Como não existe determinismo geográfico, nossa pesquisa reconhece que poder público só se interessa pela fluidez nos espaços luminosos da cidade, deixando os espaços opacos mais viscosos. De outra forma, o acesso a um bairro próximo, como Jardim Florence, ou ao Residencial Cosmos, são feitos a pé atravessando uma linha de trem sem passagem de nível. Assim, se por um lado, os nexos com o Estado são feitos de liames frágeis, pois a ausência de direitos está estampada na paisagem geográfica, por outro lado, o cotidiano impõe *acontecere*s *solidários* (Santos, 2000), aquela solidariedade compulsória da vida de relações, que no caso em análise resiste diante do aprofundamento das carências.

A localização periférica, condição do lugar, aliada ao desemprego estrutural e à precarização geral do trabalho, produzem uma morfologia urbana própria, feição do circuito inferior da economia urbana. O aprofundamento do desemprego estrutural (Antunes, 2018), problema não temporário, mas crônico, afeta diretamente os moradores na medida em que mesmo o trabalho fora do bairro – no centro da cidade – não é recuperado. O circuito superior

da economia urbana é incapaz oferecer emprego com carteira de trabalho assinada para a população há muito desempregada.

De fato, o período atual, pode ser caracterizado como um período e uma crise ao mesmo tempo (Santos, 2000). O desemprego de longa duração, aquele em que a PNAD Contínua do IBGE considera os desocupados há mais de um ano, possui expressões observadas no aumento do número de pequenos negócios – negócios novos – em toda cidade de Campinas, mas especialmente em sua periferia. Desde que a crise foi agravada no ano de 2015, as tímidas quedas do desemprego são associadas às vagas sem carteira assinada, ou seja, os chamados “empreendedores” que são, em verdade, um grupo de trabalhadoras e trabalhadores sem emprego e direitos sociais e que buscam nos pequenos negócios locais um caminho de resistência, mas dentro do que Antunes (2018), muito bem expressa como o trabalho precarizado que está no centro do circuito inferior da economia urbana nas periferias das grandes cidades.

A pesquisa realizada no entorno do Residencial Sírius revela a expansão do circuito inferior da economia urbana na cidade de Campinas. Ainda que tenha sido uma pesquisa do entorno de um Conjunto Habitacional, a realidade ali encontrada é verdadeira para as periferias urbanas das grandes cidades, com as populações abandonadas à ideologia do “empreendedorismo”, ou seja, a casa transformada em lugar de trabalho e comércio, os direitos trabalhistas inexistentes e as rendas extremamente baixas, já que o referido circuito não é gerador, por si só, de riqueza, mas altamente dependente do circuito superior e do poder público. De fato, a pobreza urbana é agravada na atual conjuntura.

***Palavras-chave:***

*Dois circuitos da economia urbana; pobreza urbana; periferia de Campinas.*

**Bibliografia:**

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD Contínua (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios). Consultada em julho de 2020.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização.** Do pensamento único à consciência universal. São Paulo: EDUSP, 2015 (1ª Ed. 2000).
- \_\_\_\_\_. 2013 (1994). **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: EDUSP, 2013 (1ª Ed. 1994).
- \_\_\_\_\_. 2008 (1979). **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: EDUSP, 2008 (1ª Ed. 1979).